



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro de trabalho com os presidentes da Colômbia, Venezuela e Espanha**

**Ciudad Guayana-Venezuela, 29 de março de 2005**

**OBS.:** alguns trechos deste pronunciamento não foram incluídos devido a problemas técnicos na transmissão do áudio

Sabe que a minha idéia é que o Brasil não será dependente de petróleo durante muito tempo, porque estamos apostando na nossa (...) de diesel.

Primeiro, Hugo Chávez, gostaria de uma vez mais agradecer pela forma sempre carinhosa com que somos recebidos na Venezuela. Em segundo lugar, quero agradecer ao presidente Uribe que, de pronto, aceitou a idéia de fazer uma reunião que, em princípio, era na fronteira e depois foi transferida para esta cidade.

E, sobretudo, quero dizer que estamos felizes de estar aqui e da presença do Presidente da Espanha, um companheiro que, apesar de ser muito jovem, das causas nobres do mundo contemporâneo, que é o nosso companheiro Zapatero. E é importante que ele esteja visitando a Venezuela e que esteja exatamente na data em que estamos fazendo esta reunião, para que o presidente Zapatero tenha, quando voltar para a Espanha, bastante certeza de que esta reunião representa, penso que para mim, para o Brasil, para a Venezuela e para a Colômbia, mais que uma reunião que nós usualmente fazemos no nosso Continente.

Eu acredito que nesses dois anos nós conseguimos um avanço, eu diria extraordinário, nas relações entre nossos países. Eu digo isso porque durante toda a minha militância política, seja como dirigente sindical, seja como



presidente de um partido político, nos últimos 20 anos eu visitei muito mais a Espanha, a Alemanha, a França, a Inglaterra, o Canadá, a Suécia, do que visitei qualquer país da América do Sul. Nós não tínhamos o hábito de ter relações com a América do Sul, ou seja, nós agíamos como se a América do Sul fosse um continente totalmente voltado aos Estados Unidos e à União Européia.

E isso, certamente, acontecia com os políticos da Venezuela, com os políticos da Colômbia, com os políticos da Argentina, do Uruguai que viajavam muito mais à Europa e aos Estados Unidos do que internamente, no nosso Continente.

E quando eu digo que nós avançamos muito é porque nesses dois anos eu penso que, primeiro, estabelecemos uma relação de confiança muito grande entre nós. E não é possível fazer política se não houver confiança entre as pessoas que fazem política.

Em segundo lugar, é que aos poucos estamos tomando consciência de que parte dos nossos problemas só serão resolvidos se entendermos que somente nós podemos resolvê-los. E o presidente Zapatero disse bem: a União Européia, antes eram seis países, depois nove, depois quinze, agora são 25 países – 27, daqui a pouco – onde a parte mais rica da Europa estava muito preocupada em garantir que essa parte mais pobre tenha uma certa proximidade tecnológica e econômica, para que não seja um eterno problema para a parte mais rica da Europa.

Os Estados Unidos, todos sabemos, têm os seus problemas, e também nunca foi uma parte atenciosa com a América do Sul, do ponto de vista do desenvolvimento.

Agora, temos um parceiro novo, no cenário mundial, que é a China. Mas a China, também, tem que cuidar de 200 milhões de habitantes e, portanto, não vai perder seu tempo ocupando-se de Colômbia, Venezuela e Brasil.

A nossa teoria é de que tudo será mais fácil se nós acreditarmos que



juntos poderemos crescer mais, nos desenvolver mais, deter a pobreza de nosso Continente. E, para isso, esta reunião é um símbolo porque foi marcada em um momento em que existia uma certa tensão entre Venezuela e Colômbia. Quando propus a reunião era para mostrar ao mundo que, aqui, tudo o que queremos é paz, desenvolvimento, crescimento econômico e distribuição de renda para o nosso povo. Se fizermos isso, todos nós estaremos realizados como políticos e como seres humanos.

E, mais do que um discurso, penso nas coisas práticas que poderemos e que chegaremos a fazer a partir desta reunião: ela poderá dar aos colombianos, brasileiros e aos outros países da América do Sul a certeza de que nós estamos transformando em realidade nossos desejos, sonhos, e não ficaremos simplesmente no discurso vazio pela integração sul-americana.

Eu acredito tanto na integração que, possivelmente nos dois anos de Presidência no Brasil, eu tenha viajado mais ao redor do mundo do que os quatro últimos Presidentes da República. Celso Amorim, por conta desta nossa política de integração, nos últimos três meses visitou trinta países, possivelmente, mais do que os últimos cinco governos brasileiros visitaram em todos os mandatos. E são viagens que não têm escala em Paris ou em Madri para descansar. São viagens em que, às vezes, são visitados dois países por dia. Agora, vou à África para ficar não mais de duas horas em Camarões. Sairei às 6h da manhã do Brasil para ver se, logo ao chegar, me encontro com o Presidente de Camarões, porque o Brasil tem relações com a África e queremos sedimentar as nossas relações com aquele Continente que, sem a nossa ajuda, vai passar outro século sendo símbolo da fome, da Aids, da miséria.

Acontece que os nossos mandatos têm duração de quatro anos e o meu já está terminando, como acredito que também o de Uribe; o de Zapatero está começando agora. Mais quantos anos, Chávez? Não sei. Eu trabalho sempre com a inquietude, com a angústia, porque quando terminar o nosso mandato a



história vai nos julgar não apenas por aquilo que falamos, mas pelo que deixamos de realizações concretas na área social e na área de nossas relações com outros povos.

Tenho dedicado esses dois anos, presidente Zapatero, a tentar transformar a questão da integração em uma coisa prática, objetiva, mais concreta, para que nosso povo comece a acreditar que integração não é um discurso eleitoral de Uribe, Lula, Zapatero ou Chávez. A integração deve materializar-se em obras, em realizações concretas e em projetos concretos.

Estivemos há pouco tempo em Caracas e fizemos grandes parcerias. Assinamos 26 acordos muito promissores, quase todos podem ser cumpridos ainda este ano, na área de petróleo, na área de energia, na área de saúde, ou seja, nós fizemos todos os acordos que, até então, a nossa inteligência permitiu entender que deveríamos fazer.

Eu tinha dito ao companheiro Chávez que era importante que nós déssemos o passo seguinte, que o jeito de a gente concretizar a integração seria Venezuela e Brasil, junto com a Colômbia, definirem que tipo de projetos e investimentos poderiam fazer juntos; agora não mais o Brasil e a Venezuela apenas, mas o Brasil, a Venezuela, a Colômbia e, quem sabe, também vamos incluir a Espanha para que a gente possa concretizar projetos na área de mineração. Tem muitas coisas em que poderíamos trabalhar conjuntamente: projetos na área da cooperação energética; projetos na área da biotecnologia na Amazônia, em que temos similaridades, e temos condições de transformar a Amazônia num grande centro de pesquisas que pode prestar serviços enormes à humanidade; temos projetos na área química; temos projetos, juntos, na área de inclusão social.

Eu fico imaginando: qual seria o papel que um país importante como a Espanha poderia jogar numa situação como essa? Primeiro, eu penso que a Espanha sempre será vista por todos nós como uma espécie de “porta de entrada” do Brasil, da Colômbia, da Venezuela e de outros países da América



do Sul. Tem muitas coisas que precisamos fazer com a União Européia, mas, sobretudo, eu penso que tem projetos importantes em que a Espanha poderia participar. O presidente Uribe tem uma verdadeira paixão por uma hidrovia do rio (...), que é uma coisa importante para o desenvolvimento econômico e o Brasil tem interesse em fazer essa parceria. Me parece (...). Essa integração de transporte, via rios importantes que nós temos aqui, possivelmente seja demasiado para um país sozinho fazer mas, se juntarmos o potencial de cada um dos países e ainda arrumarmos parceiros de outros continentes, como a Espanha, para participar desse processo, aquilo que parecia impossível vai ficando próximo de se concretizar, porque a gente vai perceber que o esforço que fizemos agora vai garantir a nossa independência, vai garantir que nossos países cresçam desse momento em diante.

Eu quero terminar dizendo ao presidente Uribe, ao presidente Chávez e ao presidente Zapatero que, quando eu digo que (...) com o passar do tempo, já estou com dois anos e três meses na Presidência do Brasil, é porque a gente ainda não conseguiu fazer tudo aquilo que a gente pensou em fazer do ponto de vista da integração, do ponto de vista de realizações das estradas, das ferrovias. E, ao mesmo tempo, eu me conformo sabendo que dois anos é muito pouco e não dá para fazer tudo, a fazer (...) aquilo que vamos começar a fazer, o esforço que for possível fazer, para lograr, num futuro próximo. A disposição do Brasil, neste momento é fazer o esforço maior possível, dentro das limitações de um país grande, um país rico, mas que historicamente não utilizou a riqueza para enriquecer o seu povo, com problemas seríssimos que temos pela frente, com muita pobreza. Mas nós temos consciência de que parte da nossa pobreza será resolvida, não individualmente, mas junto com outros países da América do Sul.

Por isso, o seu testemunho numa reunião como esta e sua participação numa reunião como esta engrandece esta reunião. E tudo que eu quero mostrar ao mundo é que nós, na América do Sul, somos capazes de controlar



nossos assuntos, de pensar em nosso desenvolvimento, de combater o terrorismo, de combater o narcotráfico, de combater o crime organizado. E nós somos capazes de realizar o sonho de esperança que cada um dos nossos habitantes têm e que, muitas vezes, o tiveram frustrado.

Eu penso que a concretização da aliança com o Mercosul, a concretização da Comunidade Sul-Americana de Nações e, ao mesmo tempo, o Acordo do Mercosul com a União Européia... Estou com muita expectativa de uma reunião entre a América do Sul e o Mundo Árabe. Penso que estaremos dando um passo histórico para que consigamos, definitivamente, mudar a geografia comercial do mundo e trazer para o nosso povo a esperança de que a solução de nossos problemas está em nossa maturidade política, na compreensão dos problemas que temos, na manutenção da paz e das boas relações que temos entre nós. É extremamente difícil, já temos tantos problemas internos em cada país, que não temos que procurar problemas em outro lugar.

Minha idéia, presidente Uribe, é que, após esta reunião, quem sabe um grupo de companheiros do Brasil, da Colômbia, bem como da Venezuela, se reúna com seus técnicos para fazer um levantamento das coisas que podemos concretizar em parceria com nossos empresários, governos, para que possamos sedimentar cada vez mais e de forma mais produtiva essa integração. E ela será muito melhor se conseguirmos contar com o aval de um parceiro do porte do companheiro Zapatero.

Existe muita gente falando mal de nós pelo mundo. Portanto, é importante que tenhamos um parceiro nos defendendo em momentos difíceis que enfrentamos, e cada um de nós tem os seus problemas internos, cada um de nós precisa de ajuda e parceria para superar.

Quero dizer ao presidente Chávez, para finalizar, que não tenho nenhuma dúvida em afirmar, em qualquer lugar do mundo – e tenho certeza que os companheiros Celso Amorim, Marco Aurélio e outros de meu governo –



que não aceitamos difamações e insinuações contra companheiros.

Acho que a Venezuela tem o direito de ser um país soberano, de tomar suas decisões e, ao mesmo tempo, a Venezuela não precisa ficar sendo acusada de coisas que, quem convive com ela, sabe que não são próprias de seu pensamento e comportamento. Eu me lembro, presidente Uribe, que quando a situação estava meio crítica, seu desejo era que houvesse paz na América Latina. Lembro, Uribe, Zapatero, que em vários momentos, acusado disso ou daquilo, Chávez me disse: “Lula, o que eu realmente preciso é de paz para dar ao povo venezuelano o que ele espera do governo.” Sabemos que, sem paz, não conseguiremos fazer muito. Presidente Chávez, pode ter a certeza de nossa solidariedade. Presidente Uribe, vou dizer uma coisa que já comentei em outra oportunidade e é importante para mim: nós temos acompanhado pela imprensa, mais de uma vez, a notícia de que as Farc haviam dado recursos ao PT na campanha de 2002. Essa é uma acusação antiga porque em 2002 só foram exploradas, na televisão brasileira, acusações de que eu iria transformar Brasil em uma Venezuela porque havia muitos conflitos na Venezuela que estavam sendo financiados pelas Farc. Nós não levamos a sério essas denúncias. E estou dizendo para vocês, mais uma vez, que o Brasil se coloca à disposição da Colômbia, na medida em que haja entendimento que o Brasil pode ajudar em alguma coisa, para que tenhamos tranqüilidade na Colômbia. Pode ter certeza que o Brasil é um parceiro para ajudá-lo nesse problema.

No mais, eu espero que depois de ouvirmos o Uribe, a gente possa, ao falar com os jornalistas, mostrar que essa reunião valeu a pena e, para nós, tendo o aval do Zapatero, ela será uma reunião ainda mais importante.

Muito obrigado.